

FALE COM A GENTE!

Editor Marcelo Santos
E-mail economia@atribuna.com.br
Telefone 2102-7274

Nvidia ganha R\$ 1,1 tri em valor de mercado
A Nvidia, gigante dos chips de inteligência artificial, valorizou US\$ 220 bilhões (R\$ 1,1 trilhão) na Bolsa, ontem, um dia após a companhia divulgar seu balanço, que apontou aumento do lucro de 628% em um ano.

ECONOMIA

Setor de café aguarda lei europeia

UE deve aplicar em seis meses legislação antidesmatamento; para especialistas, produtores brasileiros estão preparados para medida

ANDERSON FIRMINO
DA REDAÇÃO

A lei antidesmatamento, que será aplicada pela União Europeia (UE) daqui a seis meses, deve afetar os países exportadores de um grupo de commodities, entre elas o café. Porém, o Brasil tem plenas condições de vencer essa restrição e continuar exportando para a UE, que representa 48% das vendas externas do grão, somando 57 mil contêineres.

Essa é a opinião dos participantes do painel O novo cenário do fluxo do comércio global de café em tempos de ESG (sigla para meio ambiente, social e governança), realizado ontem no último dia do 24º Seminário Internacional do Café de Santos, evento da Associação Comercial de Santos (ACS) apresentado no centro de convenções da Ponta da Praia.

Conforme a secretária-geral da Federação Europeia de Café, Eileen Gordon-Larry, se alguém está preparado para esse novo regramento, é o Brasil. “Eu acredito que não é perfeito, hoje, não é 100%, porque ninguém sabe o que isso significa. A Comissão Europeia não nos disse exatamente quais são as especificações. Então, estamos todos operando ao melhor de nossa compreensão”.

Segundo ela, uma das condições impostas é de que o café tem que ser produzido em uma floresta de terra que não teve desmatamento após 31 de dezembro de 2020. Outra é que o produto tem que estar adequado à legislação não apenas ambiental, mas sobre direitos humanos, força de trabalho e medidas anticorrupção.

E a terceira: o operador,



Seminário do Café discutiu fluxo do comércio do grão em tempos de ESG: nova lei da UE vai restringir compra de produção de terras consideradas desmatadas a partir de 2021



PREOCUPAÇÃO

“Vamos precisar da totalidade dos países para atender a demanda. Temos 60 países produtores e, na maioria deles produtores pequenos. Um dos efeitos é uma possível concentração nos países grandes. O desafio é como países da África e América Central, vão se preparar para essa legislação”

Michael Von Luehrte
Consultor para assuntos internacionais do Conselho de Exportadores de Café (Cecafé)

quem está colocando o produto no mercado europeu, terá que submeter uma declaração de inteligência e

postá-la em um sistema de informação. Por meio dela, as autoridades competentes poderão verificar o café.

“Você tem que conciliar uma série de informações (nome do operador, a quantidade de café que está tra-

zendo, de onde veio, a quem está vendendo), mas também informações de geodata. Você sabe exatamente de onde ele vem, precisa dos polígonos de produção. Com essa informação, será possível cruzar referências com mapas onde se é capaz de dizer que não há desmatamento ali”.

O CEO do Conselho de Exportadores de Café (Cecafé), Marcos Antônio Matos, diz que o debate é necessário para promover o café brasileiro, independente das novas regras que estão em jogo. “Nós queremos que o Brasil seja reconhecido pela sustentabilidade”.

O diretor da ONG Rainforest Alliance, Yuri Nogueira Fêrez, afirma que a legislação traz uma inovação global, que é o combate ao desmatamento de uma forma

muito objetiva. Porém, ele entende que ela impõe desafios de implementação.

“Ainda existem pontos em aberto da própria União Europeia sobre como esses requisitos vão ser cumpridos. A boa notícia é que o Brasil está muito bem posicionado, comprometido com encontrar essas soluções”, conclui.

DEMAIS PAÍSES

Consultor para assuntos internacionais do Conselho de Exportadores do Brasil (Cecafé), Michael Von Luehrte entende que a posição confortável do Brasil não diminui a preocupação com produtores de países menos desenvolvidos. “O desafio é como países da África e América Central, vão se preparar para essa legislação”.

Conectividade causa revolução na produção do agronegócio

Receptores ligados com satélites para telemetria, monitores em máquinas que captam informações de sensores e de câmeras, máquina de pulverização autônoma, sem participação direta do agricultor, e plataformas de monitoramento da produção em tempo real. Estes foram algumas iniciativas apresentadas no painel Inovação para Navegar num Futuro Climático Desafiador - a Inteligência Artificial na Agricultura, ontem, no Seminário Internacional do Café.

Segundo os participantes, o ganho de produção deve ser feito de forma assertiva e sustentável. “A gente tem visto que esses eventos extremos climáticos têm acontecido com maior frequência. O objetivo é mostrar como o uso da inovação em pesquisa, e colaboração entre vários setores, se constrói uma agricultura, antigamente focada em aumento de

CONTAGEM DE CARBONO

O Seminário Internacional do Café foi marcado pela preocupação com a sustentabilidade, das palestras à utilização de copos de papel e folhetos dos expositores, inclusive as viagens, entre outros itens levantados. Um painel em frente ao estande da Associação Comercial de Santos (ACS), logo na entrada do evento realizado no centro de convenções da Ponta da Praia, chamou a atenção para a questão da descarbonização, contabilizando os deslocamentos dos participantes do seminário, que vêm de diversos países, como Suíça e Vietnã, e regiões de todo o Brasil, e produção de resíduos ao longo da jornada. A iniciativa teve apoio do Grupo Tribuna na construção do aplicativo de contabilização e neutralização do passivo ambiental. “Nós aplicamos métricas globais de cálculo de

produtividade”, diz a CEO da Salva, empresa de análise de dados ambientais e climáticos, Mariana Caetano.

“Hoje, a gente tem que

emissão de gás carbônico. Fizemos o levantamento dos impactos ambientais das viagens, dos traslados dos que se locomoveram até o evento, a geração de resíduos e o consumo de energia elétrica dos três dias de evento”, diz a coordenadora do Comitê de Sustentabilidade da ACS, Andréa Ribeiro. Foram contabilizados 3,17 milhões de quilômetros percorridos pelos participantes do seminário, o equivalente a 79 voltas em torno da Terra, com emissão de 409,48 toneladas de gás carbônico. Até o início da tarde de ontem, foram contadas 108,3 toneladas neutralizadas. “Conforme nós avaliamos a quantidade de carbono, a gente consegue identificar o quanto a gente tem para compensar e quais as metodologias”, afirma Andréa.

estar preocupado sobre como a gente vai sobreviver, daqui para frente, no negócio”, afirma Mariana.

Ela lembra que há modelos de cooperativa que

FINANCIAMENTO

Quem paga a conta dessa corrida pela inovação? O sócio-geral do fundo de investimentos SP Ventures, Francisco Jardim, afirma que tem US\$ 100 milhões aportados em startups do agronegócio. Ele se considera um “financiador de inovação tecnológica de muito risco”. “O meu mandato como investidor é errar 50% das vezes. Mas, nas que derem certo, 20 a 30%, elas têm que dar muito certo para poder pagar a conta daquelas 50% que morreram. A gente erra muito, corre muito risco, mas a gente também faz apostas muito audaciosas”. Jardim revela alguns critérios para a escolha da startup que vai investir: time, mercado e a relação tecnologia/produto. “No time, a gente quer ver alguns fundadores da companhia e um pessoal com capacidade de

atendem o produtor na parte do suporte no campo. E tem o produtor em contato direto com o consumidor. “Por isso a cadeia acaba fazendo muito



desenvolver tecnologia. No tamanho, como a gente trabalha com uma taxa de mortalidade muito alta, é fundamento que a dor a ser atacada pela empresa seja de relevância econômica. E na relação tecnologia/produto, tem que ver uma inovação capaz de escalar rápido (crescer no mercado), com rentabilidade e criar barreira de entrada. Esses são três fatores indispensáveis”.

próxima. O consumidor quer saber de onde ele está comprando, como o produtor está produzindo”.

Vice-presidente de Solu-

ções para Agricultura da Basf Brasil, Marcelo Bastista prevê uma cadeia de alimentos muito diferente nos próximos anos. E um dos motivos é a junção de necessidades diferentes. “Não é só pelo hábito de consumo, mas pelo desafio da descarbonização, fazer mais com menos”.

O diretor de inovação da John Deere, fabricante de máquinas agrícolas, Leandro Carrion, aponta a importância da conectividade para o produtor de café devido a equipamentos modernos, como máquina de pulverização autônoma (confira mais exemplos na abertura deste texto).

“Ela (a conectividade) tira a agricultura de precisão para uma de decisão em tempo real. E aí falamos de câmeras e sensores, inteligência artificial e capacidade de tomada de decisão em tempo real. É o que gera cada vez mais valor”.